

Limites do humor

Sírio Possenti

Universidade de Campinas (UNICAMP) / CNPq

O tema dos limites do humor é claramente ambíguo. Trata-se principalmente de perguntar até onde ele pode ir (colocando a questão recentemente demarcada pelo *politicamente correto*), o que e como pode enunciar, e também de perguntar em que lugar o humor se situa, se seu lugar é mesmo uma certa periferia.

Uma outra questão, bastante diferente das anteriores, que pode ser suscitada a partir do tema dos limites, é o lugar do humor na pesquisa, pelo menos na academia. Se nos damos conta de que praticamente todos os grandes nomes da cultura se ocuparam dele, poderia parecer choradeira afirmar que é um assunto marginal. No entanto, pode-se ter certeza de que o humor é marginal na pesquisa. Se é verdade que até se dedica algum espaço à comédia, porque o gênero se configura como um tratamento *alto* do *baixo*, precisamos convir que tem sido raro - pelo menos, proporcionalmente raro - que haja pesquisas sobre outras faces do humor. Quem pesquisa charges, caricaturas, piadas, além dos próprios humoristas?

É verdade que as coisas estão mudando um pouco, mas muito vagarosamente. Uma passada de olhos na bibliografia de lingüística, psicologia, antropologia e psicanálise, pelo menos, mostra que há uma espécie de pequena virada humorística. Que chega tarde, no entanto, porque os textos de humor são um material de rentabilidade extremamente alta, tanto no que se refere às possibilidades de afinar critérios para explicitar, indo além da mera constatação e de afirmações quase inúteis, as razões de uma seleção que privilegia determinados temas (e que exclui outros tantos), mas,

especialmente, no que se refere ao que se poderia ganhar estudando as piadas como texto ou como manifestação linguageira - para todos os gostos teóricos, inclusive.

As piadas têm sido consideradas marginais por duas razões: a) a primeira é que são vistas - embora cada vez menos - como objetos pouco dignos de pesquisa, provavelmente porque são de origem popular e anônima, e nossa tradição gosta de aliar produtos a autores de certa *classe* (o estudo do pequeno e do caseiro, mesmo em antropologia, sociologia e, principalmente, em história, certamente ajuda a quebrar limites); b) a segunda é que trata, com alguma freqüência, de temas *baixos*, eventualmente, também em linguagem *baixa* - e nós gostamos de fingir que tendemos para o alto, que o humano é sempre elegante¹.

Assim, pelos temas e pelo prestígio que eles não têm, pela linguagem freqüentemente pouco polida de muitas delas, as piadas foram postas de lado nas pesquisas sérias, pelo simples fato de que essas pesquisas são públicas. Não deixa de ser digno de observação, no entanto, que essa avaliação passa por uma concepção - ainda muito arraigada - de que a língua são as palavras, e o problemático nas piadas seria o fato de que elas violam as fronteiras da linguagem educada. No entanto, além de representarem ou exporem fatos e comportamentos sociais, mesmo que o façam indiretamente, as piadas levam a língua a seus limites também nos domínios da gramática e da textualidade, e não apenas no do léxico.

Diria que, do ponto de vista da língua, os fenômenos mais interessantes não são ligados à exploração do léxico, especialmente no que se refere a questões de etiqueta e a certas conotações. As piadas exploram outros fatos de linguagem, que têm mais a ver com limites da gramática (léxico, morfologia, sintaxe e semântica) e mesmo das assim chamadas regras pragmáticas do que com questões de *finesse*. Talvez não seja descabido dizer que as piadas jogam (também no sentido de *divertir-se*, mas, principalmente, de mobilizar regras...) com as aparentes regularidades gramaticais. Mais: além de levar a língua a seus limites, as piadas exigem uma precisa seleção de elementos *não-lingüísticos*, contextuais ou intertextuais.

Este é o tema que talvez mais deveria interessar a pesquisadores, embora ele ainda necessite ser de fato desvelado²: a piada mostra até aonde uma língua pode ir para significar, ao mesmo tempo seguindo e violando as regras da gramática. Esse fato - que pretendo demonstrar - pode interessar a lingüistas, psicólogos, psicanalistas, neurolingüistas.

Em *A ordem do discurso*, Foucault (1971) apresenta a hipótese de que uma das formas de controle do discurso, exercida de fora sobre *Ele*, é a interdição. Segundo ele, tal mecanismo afeta especialmente as regiões da sexualidade e da política. Essa tese tem correspondência exata na tese freudiana da repressão, e ela poderia explicar, de alguma forma, porque política e sexo são dois temas preferenciais das piadas (e do humor em geral). A explicação poderia ser: já que não se pode falar abertamente desses temas, fala-se deles indiretamente (sobre a tese da indirectude nas piadas, ver DASCAL, 1985).

Mas, em obra posterior, Foucault (1977) abandona a tese da repressão em favor de uma formulação bem mais interessante, segundo a qual, por exemplo no domínio da

sexualidade, não há repressão - ao contrário, até há incentivos à produção discursiva - mas sim controle, que se concretiza tanto na seleção dos sujeitos quanto nas formas de distribuição. Ou seja, não se compreende o campo pela descoberta de mecanismos de proibição, e sim pelo desvelamento dos procedimentos de produção e, especialmente, das formas e canais de circulação. É importante dizer - embora devesse ser desnecessário - que a negação da hipótese da repressão não implica na defesa da livre produção e circulação, e sim na construção - ou descoberta - de um outro aparato discursivo.

O caso das piadas parece fornecer apoio a esta tese de Foucault. De fato, nunca houve algo como o fim das piadas, mas, certamente, pode-se vasculhar espaços de circulação, formas de edição e de distribuição, bem como o valor que se atribui a esse tipo de material. Para este último caso, basta ver a reação que provoca uma conferência ou um curso sobre piadas entre alunos de letras - e ainda mais entre alunos de outras áreas.

Creio que assim se pode entender melhor o que ocorre com o humor, se se quiser vê-lo *nos limites*: não se trata da diminuição de seu *corpo*, mas de sua circulação por lugares próprios. Eventualmente, uma mudança relevante de circulação pode ser observada, mesmo que as piadas sejam as mesmas de sempre (e isso dá margem a várias investigações): que certas piadas vão para a TV, que se componham livros (ou livros mais ou menos numerosos) de piadas, que chargistas façam sucesso, que haja *salões* de humor (e o que neles se apresenta para concorrer aos prêmios), que os textos editados se vendam mais em bancas que em livrarias, quais publicações circulem em cada um desses espaços etc. Pode-se arriscar a dizer, talvez, que as piadas estão à margem, circulam à margem: há momentos para contar piadas e momentos em que seriam completamente inadequadas, mesmo que seu tema fosse *limpo*.

No entanto, observe-se que o mesmo ocorre com outros discursos: também não se fala de física ou de teologia em qualquer lugar. Poder-se-ia alegar que se trata de temas que demandam especialistas, enquanto que piada, qualquer um conta. Seria ingênuo pensar assim, pois os fatos mostram outra coisa: que apreciamos de maneira diferente performances diversas (ou seja, não é verdade que qualquer um conta piadas), que há horas para contar piadas (no fim da festa, jamais no início), que elas se distribuem em parte também por gênero - homens contam mais piadas que mulheres (o que permitiria retomar outros temas que os dividem), etc. Enfim, há um conjunto de dispositivos, uns mais e outros menos institucionais, que cercam a circulação desses discursos.

Exemplos

Para tentar mostrar em que medida o humor pode estar em algum limite, quereria referir-me a dois *temas* a que as piadas se dedicam, por exibirem este traço de *proibido* mais fortemente: o humor racista e o humor negro (quase racista pela designação). Que pessoas se divirtam com a morte ou com doenças graves, por um lado, e que sejam racistas, por outro, parecem ser mesmo formas de degradação. No entanto, sendo menos angélicos, poderíamos ver nesses fatos apenas um dos traços a confirmar que somos demasiadamente humanos...

As piadas ditas de humor negro são piadas que, em resumo, tiram seu prazer das desgraças: defeitos físicos ou acidentes. Logo depois do 11 de setembro de 2002, data do ataque às torres gêmeas, por exemplo, circularam numerosas piadas de humor negro sobre aspectos do episódio. Há duas teorias psicológicas sobre a questão: a) uma diz que se trata, simplesmente, de dar vazão a uma das pulsões humanas *naturais*, a violência (observe-se como as crianças são violentas e precisam ser ensinadas a não morder, por exemplo; muitos adultos batem nas crianças para elas não serem violentas...). Reprimidos, os desejos se manifestam quando há ocasião. Esta teoria não apresenta novidade em relação a outros campos; b) Outra hipótese diz que fazemos piadas diante da desgraça para sobreviver, para mostrar à desgraça que somos maiores do que ela. Seria uma forma de resistência.

As técnicas não são especiais, são as mesmas que ocorrem em outros campos. Há um aspecto, entretanto, que merece atenção: com muita frequência, são piadas que duram pouco, porque os fatos são logo esquecidos. Só as compreendemos se conhecemos fatos aos quais fazem alusão. Considere-se o seguinte exemplo:

Sabe por que o Senna e o Piquet não conversam? - ...? - Porque seria uma conversa sem pé nem cabeça.

Esta piada, por exemplo, só é compreendida por quem sabe que o Senna e o Piquet não eram propriamente amigos, que Senna sofreu um acidente (que o matou) que lesou basicamente sua cabeça e que, pouco tempo depois, em um treino em Indianápolis, Piquet bateu seu carro e machucou mais ou menos gravemente seus pés. Assim, o idiomatismo (sem pé nem cabeça) é tomado literalmente e leva em consideração fatos ocorridos com os dois pilotos.

As piadas são mais ou menos agressivas dependendo também do tipo de desgraça e de quem seria afetado. Por exemplo, o exemplo seguinte é certamente menos delicado que o anterior (talvez porque, no caso do automobilismo, o acidente seja previsível):

Uma loira encontra uma amiga de colégio, que não via há alguns anos. A amiga está bem mais magra. A loira diz:

- Fulana, como você está bem? Emagreceu! E o que é que está fazendo?
- Quimioterapia, responde a amiga.
- Que legal! Na USP ou na UNICAMP?

Ao mesmo tempo que a piada põe em cena a suposta burrice da loira, ela nos diverte por sua técnica (*quimioterapia* parece ser um desses nomes de especialidades universitárias, como *fisioterapia*, mas só uma pessoa ignorante faria tamanha confusão) e por seu tema: o texto nos faz rir também do fato de que a referida personagem sofre de doença talvez incurável.

Imagino que piadas assim não são as que mereceriam aprovação dos especialistas em etiqueta. No mesmo grupo das piadas mais agressivas estão as racistas (que, por serem demasiadamente conhecidas, não é necessário mencionar).

No entanto, especialmente para um lingüista, as piadas estão nos limites da linguagem, por assim dizer. Claro que isso depende da concepção de linguagem que se adota. Por exemplo, se adotamos a tese da *lalangue* de Lacan, nada nas piadas nos espantará. Pelo contrário, o que nos deixaria atônitos seria a existência de um enunciado que não pudesse derivar para outra interpretação, ou seja, que fosse absolutamente unívoco. *Lalangue* é antes de mais nada a língua materna, depois, qualquer língua; mas, no que mais importa, "língua é, em toda a língua, o registro que a consagra ao equívoco. (...) desestratificando, confundindo sistematicamente som e sentido, menção e uso, escrita e representado, impedindo, com isto, que um estrato possa servir de apoio para destrinchar um outro. (...) Um modo singular de produzir equívoco, eis o que é uma língua entre outras". (MILNER, 1987, p. 15).

Mas tomemos a língua como a tratamos mais usualmente, ou seja, enquadrada em uma teoria que a faça expressão do pensamento, meio de comunicação, forma de conhecimento etc. Supostamente, então, ela deveria *funcionar*: ser clara, ter sentido, ser compreendida, não nos *enganar*. Ora, as piadas nos mostram uma língua funcionando segundo outros parâmetros - ou, querendo preservar esta face sua *pública*, nos mostram uma língua que se camufla, que se compraz no equívoco, de mil formas.

Pode, por exemplo, explorar a escrita, como no genial achado de Millôr

A pior dor é a dor de olvido

que explora uma diferença na grafia de duas palavras (*ouvido* e *olvido*) cuja pronúncia, em várias regiões é idêntica, sendo que a piada funciona melhor nesses casos, porque é esta *identidade* que será desdobrada para que se *ouça* outra coisa: que o que dói mesmo é o esquecimento. Trata-se de sutis limites fonológicos e ortográficos.

Também se pode explorar o limite entre as palavras, coisa que, à primeira vista, pareceria a coisa mais óbvia de todas, aprendida na infância, em *dicionários* que operam como se exemplifica em

Detergente = prender pessoas

Observe-se que, entre outras coisas, há uma diferença mais ou menos nítida de acento, segundo se entenda que *detergente* é *deter gente* (quando a seqüência é, de fato, uma oração) ou *detergente*. O problema é se temos uma ou duas palavras. Se houver uma só, então há só uma sílaba tônica, *gen*. Mas, se houver duas, cada uma tem sua sílaba tônica, como quando são enunciadas em separado: *ter* e *gen*.

Os analistas da tonicidade das palavras em português são unânimes em dizer que, em uma palavra como *palavra*, há três graus de tonicidade: a sílaba tônica *la* (com grau 3), a sílaba pré-tônica *pa* (com grau 1) e a sílaba pós-tônica *vra*, com grau zero.

Mas, se duas palavras forem enunciadas juntas (como em *deter gente, livro verde*), e se este tipo de distribuição dos graus de tonicidade é correto, então ocorre a seguinte escala:

detergente / livro verde
1 2 3 0 2 0 3 0

Ou seja, o acento principal da primeira palavra se torna, nesses casos, mais fraco do que o acento principal da segunda, embora continue mais forte que o acento pré-tônico normal e ainda mais forte do que o átono final.

Veja-se como a distribuição dos acentos é explorada nesta outra piada, cuja chave lingüística é exatamente a diferença de acento:

Um senhor vai ao tabelião para registrar a filha recém-nascida. O tabelião pergunta qual é o nome da menina. Ele responde:

- Arquibancada da Lusa.

O tabelião responde que isso não é nome, que ele não pode fazer o registro. E o pai retruca:

- Isso é puro preconceito. E por que Geral do Santos pode?

Importa compreender que esse provável torcedor da Portuguesa de Desportos imaginava que o nome *Geraldo Santos* era, de fato *Geral do Santos* (*geral* e *arquibancada* são dois espaços para acomodar espectadores nos estádios). Uma análise da chave dessa piada mostra a diferença de acento entre *geral do Santos* e *Geraldo Santos*. Em resumo, em *geral do Santos*, a sílaba *do* funciona como se fosse a primeira da palavra seguinte, recebendo, assim, acento 1. E em *Geraldo Santos*, recebe o acento 0, acento de sílaba átona final de uma palavra.

Vejamos, rapidamente, dois casos de *exploração* sintática dos limites da língua. Seja o primeiro a conhecida frase do Barão de Itararé:

Os políticos fazem na vida pública o que os outros fazem na privada

Poder-se-ia pensar que se trata apenas de explorar os dois sentidos da palavra *privada* (*banheiro* e *particular*). Mas, embora esse aspecto não esteja excluído - aliás, ele é o fundamental, porque sugere que os políticos fazem *baixarias* -, o fundamental nesta piada é a exploração de um fator sintático, a elipse da palavra *vida*. Ou seja, a frase deve ser lida também assim para ser humorística: *Os políticos fazem na vida pública o que os outros fazem na vida privada*. Sem isso, não há duplo sentido da palavra *privada*.

Vejamos outro caso, um pouco mais complexo. A manchete de um texto de Zé Simão (Folha de São Paulo, 23 abr. 2001) foi:

O ACM toca trombone e VIOLA

O “sentido” da piada parecerá ser evidentemente que *ACM toca trombone e pratica uma violação* (no caso, do painel de votação do Senado). Do ponto de vista lingüístico, a maior

parte das pessoas veria aqui apenas um trocadilho, um duplo sentido da palavra *viola*. Na verdade, há muito mais. Em termos gerais, para ler a manchete, temos de reconhecer dois episódios dos quais a mídia falou muito: a) Antônio Carlos Magalhães fez denúncias contra o governo e FHC disse que se tratava de um *trombone isolado* (significando que seus críticos eram poucos); b) ACM comandou (pelo menos, foi a versão que circulou) a violação do painel do Senado. Sem isso, os sentidos não podem ser recuperados. Do ponto de vista especificamente lingüístico, pode parecer que se trata apenas de um duplo sentido da palavra *viola* (instrumento musical e terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *violar*). Mas o texto é bem mais complexo do que isso, como se pode ver *fatorando* a seqüência. De fato, ela pode ser lida:

(ACM (toca (trombone e viola))) ou (ACM (toca trombone) e (viola X))

No primeiro caso, o sentido é que ACM toca dois instrumentos. O período é simples e o verbo tem dois objetos diretos. No segundo, o sentido é que ACM toca um instrumento (trombone) e viola algo não explicitado. Nessa análise, o verbo *tocar* tem um só objeto direto e o período é composto. Além disso, há uma elipse de ACM diante de *viola* e o objeto de *violar* não é especificado.

Mas esta piada serve também para explicitar outros aspectos. No caso, relacionados à leitura - o que toca nos limites dos textos - onde cada um começa ou termina. Aceitando-se que o fato não é especificado porque isso não é necessário (porque todos sabem o que é que foi violado), entra em cena um novo ingrediente, uma nova regra, agora de outra natureza (pragmática para uns, discursiva para outros): não é necessário dizer o que é sabido, ou repetir o que está em outros textos (o que, no entanto, não funciona sempre, como ocorre com quase todas as regras).

O léxico nos dá numerosos exemplos de funcionamento da língua no seu limite. Vimos acima casos de exploração da delimitação vocabular. Vejamos dois ou três exemplos, começando pelos da ambigüidade, que muitos pensam ser o único mecanismo.

Passando perto de um bar, um advogado diz a outro:

- Vamos entrar e tomar alguma coisa?
- De quem?

O caso explora um duplo sentido de *tomar*: *beber* e *apossar-se de* (mas o sentido das palavras não deveria ser claro?), de tomar. Mas veja-se como se trata de outra coisa em

Num vagão comum só um passageiro em dia de chuva, uma goteira caía exatamente no banco em que ele estava sentado. O condutor sugere:

- Por que o senhor não troca de lugar?
- Mas trocar com quem?

caso em que *trocar* não tem propriamente dois sentidos, mas simplesmente funciona em *frames* diversos (um deles com três elementos e outro com quatro). É ainda de outra coisa que se trata no caso seguinte:

Um coronel de alguma importância na revolução (de 64) se queixava ao jornalista da dureza da vida no quartel. O jornalista comentou:

- O senhor não sabe como é chato militar na imprensa...

em que há dois sentidos de *militar*, mas há bem mais que isso, já que em um caso, a palavra é um substantivo, em outro, um verbo.

Ainda explorando palavras, mas ainda segundo outro mecanismo, veja-se esta conversa de avó e neta:

- Minha filha, você, tão bonita, fala tanto palavrão!
- Que nada, vó. Até que falo pouco.
- É, mas tem duas palavras que eu queria que você não dissesse nunca mais. Uma é bacana, outra é nojenta.
- Tá bom, vó. E quais são?

Esta piada explora a diferenças de emprego: uso e menção. A neta está em um quadro cultural tão diverso que nem percebe que a avó já lhe disse quais são as palavras que não quer mais que ela diga (*bacana* e *nojenta*), que a avó não qualificou duas palavras que não quer mais ouvir, mas já as mencionou.

Continuar citando exemplos é provavelmente inútil. Hoje já existe bibliografia bastante numerosa em relação ao campo. As obras contêm, inclusive, exemplos em grande número. O curioso, ou quem se tornou curioso pelo humor como fonte excepcional de fatos de linguagem pode hoje encontrar seguras apresentações. Talvez bastasse Freud (1905), seja pela originalíssima teoria que apresenta, seja pela hilariante coleção de casos que narra e analisa.

Notas

¹ De fato, há piadas cujas características lingüísticas não têm nada de censurável. Mas, por haver piadas que violam tabus lingüísticos e por serem essas as mais populares, a generalização é compreensível.

² Mas, talvez, na mesma medida em que necessitam ser desvelados aspectos da *natureza* das línguas, em geral cultivadas pelo perigoso e redutor viés escolar.

Referências bibliográficas

DASCAL, M. (1985). *Language use in dreams and jokes: sociopragmatics vs. psychopragmatics*. *Language and Communication*, 5 (2), 95-106.

FOUCAULT, M. (1971). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.

FOUCAULT, M. (1977). *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FREUD, S. (1095). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.

MILNER, J.-C. (1987). *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas.